



VIOLÊNCIA CONTRA O IDOSO: O TERCEIRO COMO REGULADOR PSÍQUICO VIOLENCE AGAINST THE ELDERLY: THE THIRD PART AS A PSYCHIC REGULATOR

Olga Perazzolo

oaperazz@ucs.br – Universidade de Caxias do Sul

Siloe Pereira

Universidade de Caxias do Sul

Marcia Maria Cappellano dos Santos

Universidade de Caxias do Sul

Fecha de Recepción: 19 Febrero 2014

Fecha de Admisión: 30 Marzo 2014

ABSTRACT

The paper proposes reflections on the idea that the ingress of a third part in the relationship marked by violence, especially against the elderly, contributes to alter the dysfunctional model and to stabilize the guiding moral behaviors boundaries. It is not to consider that the aggressor hesitates in front of a third part to avoid the social disapproval or the punishment, but it is to observe that the psyche loosens the bounds with the social conventions in the absence of an element which sustains the constitutive triangulation of the moral space especially in stressful situations. The theoretical readings related to the proposition are made from the psychoanalysis contributions mainly in which it refers to the updating of the paternal role; the systemic model, particularly due the changes that occur in the system when there are alterations in its composition; and the social learning regarding the exposure to models to be adopted as source of vicarious schooling. It still proposes reflections over the aging context in the contemporary society, considering the increase on the number of elderly people, the demands of work which take to the deflation of the inner space in the family and the longevity as a collective reality that the mankind is not aware of and which requires to be signified, invented and appraised.

Keywords: Violence. Elderly. Family. Society.

RESUMO

O trabalho propõe reflexões sobre a ideia de que o ingresso de um terceiro na relação marcada pela violência, em especial contra o idoso, contribui para alterar o modelo disfuncional, estabilizar os marcos morais norteadores do comportamento. Não se trata de considerar que o agressor contenha-se frente a um terceiro para evitar o rechaço social ou a punição, mas de observar que o psi-



quismo afrouxa os laços com as regras sociais na ausência de um elemento que sustente a triangulação constitutiva do espaço moral, especialmente, em situações de estresse. As leituras teóricas acerca da proposição são feiras a partir de contributos da psicanálise, sobretudo no que se refere à atualização da função paterna; do modelo sistêmico, particularmente no que tange à mudança do sistema quando de alterações em sua composição; e da aprendizagem social, relativamente à exposição à modelos a serem adotados como fonte de aprendizagem vicária. Propõe, ainda, reflexões sobre o contexto do envelhecimento na sociedade contemporânea, considerando o aumento do número de pessoas idosas, as demandas de trabalho, esvaziando o interior do espaço familiar, e a longevidade como realidade coletiva que a humanidade não conhece e que precisa ser significada, inventada, valorada.

Palavras-chave: Violência. Idoso. Família. Sociedade.

INTRODUÇÃO

A violência é definida pela Organização Mundial de Saúde como uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si, contra outra pessoa, grupo ou comunidade, que resulte ou possa vir a resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Krug et al, 2002).

A agressão, de outra parte, termo muitas vezes adotado como sinônimo de violência, refere uma ação ou o ato de agredir. Nesse sentido, o conceito diferencia-se do atribuído à violência pela morfologia (verbo e substantivo), mais do que pela semântica.

Verificam-se, naturalmente, formas de violência que não se manifestam claramente pela ação agressiva, ao menos na forma com que a agressividade tende a ser reconhecida (ataques físicos e verbais). Nesses casos, o ataque se dá, por exemplo, por meio de indiferença, desprezo, ou pelo conteúdo veladamente destrutivo à autoestima da vítima, por vezes expresso de maneira formal, cuidadosa. Mesmo nesses casos, a violência ocorre, a agressividade é latente e pode ser percebida no núcleo da intenção de ferir.

Uma distinção etimológica foi proposta por Martin Baró (1997) ao definir violência como a aplicação de uma força excessiva a algo ou alguém, e agressão como violência dirigida contra alguém, buscando causar dano. A diferença seria o intuito de lesar, o que permite supor que no primeiro caso esse intuito não existiria. No entanto, tal definição não se sustenta, pois independente da motivação propulsora do ato violento, a intenção de lesar, de impedir a realização do desejo da vítima constitui finalidade intrínseca da ação.

Assim, em ambos os casos pode-se pressupor algum grau de hostilidade do sujeito que pratica a violência ou a agressão para com a vítima (mesmo em situações autoimpingidas). Esse pressuposto poderia induzir ao entendimento de que a ação violenta ou agressiva é, por princípio, moralmente negativa; resulta do fracasso do controle pessoal, ou está a serviço de prazeres perversos. Porém, comportamentos de violência e agressividade podem ser também considerados recursos valiosos de sobrevivência e mesmo de regulação relacional, independente da força com que o fenômeno se manifeste e da intenção para com o outro (Alves & Pereira, 2011)

Quanto ao cenário atual, embora não sejam necessários esforços na apresentação de dados relativos a formas, tipos, e intensidade com que a violência vem se manifestando nas últimas décadas, a questão constitui, na atualidade, tema de interesse efetivo nos universos acadêmico e científico, e também em segmentos sociopolíticos, como na saúde pública, sobretudo considerando o aumento vertiginoso de homicídios registrados em várias partes do mundo, expressivos do nível de violência que marca a sociedade contemporânea (Centro Latino-americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli [CLAVES], 2002).

Nesse contexto, destaca-se a violência contra a pessoa idosa, e algumas questões parecem



estar intrinsecamente associadas a esse fenômeno. A primeira se refere ao aumento da população idosa no mundo. A Organização das Nações Unidas (2002) refere o período compreendido entre 1975 e 2025 como a *Era do Envelhecimento*, referência indicativa de mudanças no cenário populacional, sobretudo nos países em desenvolvimento, onde o crescimento da população idosa atingiu 123% de 1970 a 2000 (Saraiva & Coutinho, 2012).

A segunda questão se refere às demandas contemporâneas relativas ao trabalho, envolvendo, na maioria das vezes, todos os membros da família. O esvaziamento físico no interior do espaço familiar, com a saída de ambos os pais e dos filhos maiores, alterou o desenho dinâmico do grupo primário, provedor de afeto e manutenção básica de seus membros. O trabalho vem assumindo status diferenciado e bem afinado com a grande engrenagem político-econômica da vida contemporânea. Trabalhar e adquirir são necessidades prementes, quer numa perspectiva concreta de recursos para alimentação e segurança, quer na perspectiva constitutiva da subjetividade dos sujeitos, considerando os sinais da relação entre poder aquisitivo e valor pessoal.

Esse contexto impõe um frenético ritmo social e biopsíquico, interferindo na experiência do tempo, assim como na hierarquia de valores que estabelecem a forma de sua distribuição. Como resultado, não apenas o tempo disponível para a família se torna restrito, mas coloca-se sistematicamente em risco a qualidade dos vínculos que concorrem para a formação do sistema psicoafetivo de base, a família.

Conforme Oliva-Augusto (2002), a forma pela qual as sociedades propõem a manutenção da vida é exibida por seus modos de produção, por regras e princípios, e pela forma como que organizam suas principais atividades. Esse processo interfere no ritmo cotidiano e indica qual é o tempo a ser dedicado para cada segmento da vida diária, e, assim, as atividades que não estão no topo da hierarquia se tornam secundárias e se articulam em torno da principal. Nessa direção, distintas teorias sociais tendem a qualificar a ordem social moderna como “sociedade do trabalho”, termo que reconhece o trabalho como categoria social principal, em torno da qual a dinâmica da vida se estabelece (Oliva-Augusto, 2002).

Uma terceira questão refere-se ao fato de que no cenário da nova sociedade o convívio com o idoso precisa ser construído no imaginário social. Grande parte da população mundial começou a conhecer e a lidar com a velhice apenas nas últimas décadas, quando a expectativa de vida se alterou consideravelmente, em especial devido aos avanços científicos na área da saúde (Perazzolo, Pereira, Santos & Ferreira, 2013). A longevidade é uma realidade que a humanidade desconhece como fenômeno coletivo, considerando que a expectativa de vida na história humana nunca ultrapassou os 40 anos de idade, até o início do século XX. Antes, a ideia de velhice era concebida de forma aleatória, a partir da experiência de terceiros, ou de forma romântica, por meio de crivos arquetípicos de sabedoria, tomando-se por referência os contributos de Jung (2000) acerca do inconsciente coletivo.

Decorre daí o desconhecimento de modelos de relação com idosos que sejam efetivos, orientadores para as famílias, facilitadores da assimilação de rotinas e que permitam trocas por meio das quais possam germinar novas formas de amor e de amar, novos meios de reinventar vínculos. O sujeito idoso é um outro estranho, desconhecido, muitas vezes dependente, cuja presença não foi antecipada, pensada, desejada. Além disso, a perda paulatina das formas física, psíquica, fisionômica, cognitiva, conduz o idoso à zona da exclusão psíquica e social, pois ele não se adéqua ao sistema produtivo, e ainda limita a produção daqueles que o cuidam.

VIOLÊNCIA CONTRA O IDOSO: TRANSGRESSÃO SEM TESTEMUNHA

Um estudo sobre fatores de risco para a violência¹, que analisou artigos acadêmicos e notícias veiculadas na mídia, destacou a importância de refletir sobre as mudanças que o cenário contem-



porâneo impôs aos sistemas humanos, enfraquecendo as formas de auto-regulação, com implicações profundas para a formação do psiquismo, para a consistência moral, para a qualidade das relações, bem como para o cumprimento das funções da família na sociedade.

Uma constatação foi que a violência, em especial envolvendo idosos, parece acontecer basicamente entre duas pessoas, em espaços fechados e sem testemunhas. Via de regra, há ausência de um terceiro vértice relacional, um “outro” que não se encontra aglutinado na condição de agressor ou de vítima, caracterizando apenas dois pólos, mesmo quando mais de duas pessoas estão envolvidas, como resultado de alianças, negociações disfuncionais etc.

Não se trata de considerar que o agressor simplesmente evite a rechaço social ou a punição pelo crime de ataque a alguém em situação de desvantagem física, cognitiva, ou outra, quando frente a testemunhas. Mas de observar que o psiquismo tende a afrouxar os laços com as regras sociais, especialmente em situações estressantes na ausência de um elemento que sustente a triangulação constitutiva do espaço moral Conforme Gratão (2014), há muito é conhecido o fenômeno do estresse de cuidadores de idosos. Assim, qualquer sujeito, independentemente de seus alicerces ético-morais, pode vir a ser um agressor, em situações de dualidade relacional com vítimas em potencial.

Dito na forma inversa, a violência tende a ser contida na presença de um terceiro, mesmo quando esse não constitui ameaça efetiva e direta de rechaço/punição para o agressor. A presença de um outro que se instale na relação e quebre a dupla de potenciais agressor(es)/vítima(s) pode contribuir para a manutenção das fronteiras internas entre o *sim* e o *não*, fronteiras essas que foram estabelecidas e mantidas por meio de crenças e valores constituídos pela via do laço social, independente do sistema teórico de referência.

Trata-se, portanto, de um outro real ou simbolicamente presente, um terceiro vinculado aos potencialmente agressores e/ou vítimas por laços de amor, parentesco ou cidadania, que intervém com sua presença, suas perguntas, seu testemunho, restringindo o espaço do secreto, os ímpetos de abuso, as transgressões. Envolve um movimento dialético, como uma metáfora hegeliana por meio da qual o terceiro surge como resultado de tensões nas relações humanas. Um terceiro como vértice, e não como elemento.

A importância de inserir um terceiro olhar no cotidiano das relações é reconhecida por profissionais e organizações que trabalham com a violência. Um Guia de orientação publicado em 2007 pelo *Center for Problem-Oriented Policing*, por exemplo, recomenda que a prevenção contra a violência deve considerar a instalação de câmeras de segurança monitorando as vítimas potenciais (Sampson, 2011), como uma extensão dos olhos e do corpo daquele(s) que representa(m) os valores, os princípios, os limites.

MAS COMO RESPALDAR TEORICAMENTE ESSA PROPOSIÇÃO?

Há muito é amplamente conhecido o fato de que a violência e o comportamento agressivo integram o repertório de condutas que marcaram a história humana. As atrocidades; os sacrifícios de homens, mulheres e crianças; as dolorosas torturas empreendidas de forma direta ou através de instrumentos construídos especificamente para esse fim (como as cadeiras e rodas de tortura); os massacres coletivos, dentre outras práticas, têm sido difundidas, não apenas no âmbito acadêmico, mas também relatadas e dramatizadas através de diferentes formas (literárias, artísticas, cinematográficas), popularizando o que historiadores e antropólogos continuam a reafirmar (Hayeck, 2009).

A compreensão do fenômeno no espaço de convergência das dimensões psicológicas, biológicas e sociais torna-se, então, uma necessidade.

No que tange à dimensão psicológica, algumas perspectivas teóricas oferecem particular contributo para o entendimento do comportamento violento. Dentre essas, a psicanálise.

Na fronteira entre a sociologia e a psicologia, a teoria psicanalítica desenvolveu um complexo



sistema teórico que abarca a temática da violência e considera a cultura, o laço social, como instância que se anela às propriedades biopsíquicas no processo de contenção da agressividade e do comportamento transgressor. Conforme Bock (2008), a violência está na base da constituição humana, e à cultura cabe regular sua manifestação; ou seja, sem um sistema tramado para conter e derivar os impulsos agressivos/violentos inerentes ao psiquismo, a organização social, a cooperação, as atividades de grupo, as condições essenciais para estabelecer os vínculos que mantêm a vida estariam gravemente comprometidos.

Essa posição tem respaldo na visão freudiana de impulsos e de formação do inconsciente. Em *O mal-estar na civilização*, publicado em 1930, Freud (1996) trata da complexa origem da infelicidade do homem, associada ao conflito enfrentado para viver em sociedade. Trata-se de perspectivas psicoantropológicas erguidas sob o difícil espaço em que civilização, agressividade e sexualidade precisam coexistir em persistente negociação. Para isso, o papel da repressão e da sublimação, através do deslizamento de significações que partem de inacessíveis conteúdos inconscientes são cruciais. Para viver em sociedade, e para que a sociedade exista, é preciso conter impulsos (particularmente os agressivos e sexuais). É necessário que o ego reprima conteúdos a eles associados, devolvendo-os ao inconsciente, e que encontre alternativas (sempre insuficientes) para dar destino à energia gerada nos movimentos somatopsíquicos. A forma como os objetos substitutos são eleitos deve levar em conta, também, a satisfação das demandas superegóicas, demandas essas que são ecos do discurso social, ouvidos de diferentes formas, por cada sujeito, a partir da trama familiar em que se constituiu.

Esse processo provoca um permanente mal estar, de abrangência coletiva, pela experiência de falta, de “insaciedade”, pela satisfação apenas parcial, encontrada em objetos de desejo alternativos. Objetivamente, a violência resultaria do fracasso na contenção dos impulsos agressivos, resultante de um nível insuficiente de tolerância à frustração para o enfrentamento de situações específicas, do enfraquecimento das defesas psíquicas e/ou da emergência de demandas sádicas, dentre outras possibilidades e combinações.

Em muitas partes da obra freudiana há proposições que permitem compreender a violência por meio do fracasso do aparelho psíquico em lidar com o jogo dinâmico das pulsões. A base desses mecanismos depende da qualidade e das características do processo de constituição psicosexual, notadamente no que tange à fase fálica, cujas experiências dependerão da forma como os sujeitos foram marcados pelas etapas anteriores (oral e anal) do desenvolvimento infantil. Na fase fálica os desejos agressivos e incestuosos precisam ser recalçados e ressignificados, e é a identificação com pai/mãe, ou a inserção do nome do pai, conforme a releitura lacanianiana de Freud, que inaugura o sentido profundo do *não* no universo mental dos sujeitos (Dör, 1991).

Desse modo, a triangulação psíquica é particularmente importante na significação do *não*. A inserção do pai como terceiro, que quebra a dualidade mãe-filho(a), aciona os mecanismos de contenção das transgressões, mecanismos que, na origem, contiveram impulsos agressivos e incestuosos, gerados no centro do drama e da angústia de castração.

Nesse contexto, há que se destacar a violência expressa sem a culpa constitutiva do funcionamento sócio-humano, típico das organizações perversas. Pode-se entender esse processo como uma alteração na formação moral derivada de triangulações deficitárias. Ao pai, ou seus representantes, cabe portar o discurso social, anunciar o devido e o indevido; mas se essa voz não é suficientemente forte para ser escutada, o nome do pai é rejeitado, e o *não*, embora adequadamente compreendido, não precisa ser obedecido.

Mas todos os agressores na relação com idosos são perversos? É possível que qualquer estrutura psíquica venha a fracassar no controle da agressividade e responder com violência, em determinadas situações. Assim, um terceiro funcionaria como uma reinserção do pai, viabilizando a trian-



gulação do espaço onde o *não* fala dos limites. Isso significa que há necessidade de reforços simbólicos que atualizem a função paterna nas relações cotidianas, pois não é preciso que uma estrutura perversa encontre um objeto de gozo para que a violência explícita, ou mesmo velada, se instale. Todo ser humano seria vulnerável ao fracasso dos mecanismos de regulação psíquica; todos estariam sujeitos a expressar raiva e/ou prazer pela via da agressão.

Na perspectiva sistêmica, da mesma forma, se encontram contribuições importantes para a compreensão do comportamento violento e da agressividade.

Pensar sistemicamente implica entender um organismo como um todo coeso, no qual qualquer mudança em uma das partes provoca alterações no todo e em cada uma das outras, bem como no modo como elas interagem. Nesse sentido, um organismo só pode ser conhecido se visto na sua globalidade; e cada unidade só existe e pode ser compreendida a partir das suas inter-relações com as demais e com a estrutura total. Nenhuma delas pode ser isolada de seu contexto sem que venha a perder sua identidade, de tal forma que todas as unidades de uma totalidade – ou de um sistema –, encontram-se relacionadas de maneira recíproca, intrínseca, interdependente. Elas constituem, e são, simultaneamente, constituídas pelo sistema em sua organicidade (Vasconcellos, 2002).

Apoiando-se em Bateson (1999), Vasconcellos (2002, p. 237) afirma que as relações são a essência do mundo vivo [...] e não as personagens e os objetos. Subentende-se, então, que para compreender qualquer fenômeno ou processo relacional, faz-se indispensável visualizá-lo em seu respectivo contexto e com a necessária ampliação do foco de observação e análise para além das fronteiras que possam delimitá-lo.

Com esses referenciais, é possível compreender que os comportamentos respondem inevitavelmente à dinâmica dos grupos nos quais os sujeitos estão inseridos, em particular o grupo familiar. Os grupos influenciam seus membros e são por eles influenciados, numa relação de complementaridade do tipo circular, pela qual, permanentemente, efetiva-se um processo de retroalimentação recíproca.

Nessa perspectiva, a violência pode ser entendida como fenômeno no qual os diferentes subsistemas – as partes, ou subunidades – “contribuiriam” para a perpetuação, com vistas à manutenção da homeostase, por meio de padrões relacionais que caracterizam e permitem a sobrevivência do sistema. O sistema encontra equilíbrio, mesmo quando os meios envolvem o uso repetido de violência, de agressão.

Isso não significa que uma vez “instituídos” modos interacionais, não mais possam ocorrer mudanças no sistema. O dinamismo, a complexidade, a imprevisibilidade próprios da vida dos sistemas podem constituir “chaves” para mudanças, pois as diferentes unidades estariam continuamente a emitir e a receber mensagens capazes de redimensionar o que, em princípio, pareceria estável.

Nesse contexto, podem-se compreender os efeitos da entrada de novos elementos no sistema, alterando seu padrão, redimensionando papéis, valores, ritmos, tarefas. A intervenção profissional, por exemplo, pressupõe a emergência de novos modelos interacionais, de forma a provocar mudanças na direção da funcionalidade.

O lugar do terceiro na contenção da violência contra o idoso, portanto, na perspectiva sistêmica, tem em conta o abalo que o ingresso de alguém provoca no sistema estabelecido de forma polarizada (agressor e vítima), requerendo uma nova organização interna, a redistribuição do afeto e o reexame dos referentes morais. Esses referentes, de fontes macrossistêmicas, podem nortear outras escolhas no processo de busca de novos padrões de funcionamento e equilíbrio.

A perspectiva da aprendizagem social oferece, também, contributos valiosos para a compreensão da violência contra o idoso e da importância do terceiro como elemento regulador da relação agressiva, principalmente se consideradas as especificidades dos estudos que deram origem ao modelo.



As pesquisas de Albert Bandura (1925-...) sobre aprendizagem vicária constituem recurso diferenciado para o entendimento do crescimento da violência urbana. Trata-se da aprendizagem de comportamentos por meio da observação e a tendência à repetição de comportamentos aprendidos.

Nesse sentido, comportamentos violentos são exibidos e mesmo valorados pelo grupo imediato (aspecto bastante observado entre grupos de iguais) e pelo macrosistema (o que se constata, sobretudo, pelo alto valor comercial da violência, expresso através de filmes cujos protagonistas jovens manifestam coragem, vigor, comportamentos de extrema violência, dentre outros), levando à imitação e gerando um ciclo crescente de comportamentos sociais similares.

O modelo da aprendizagem social teve contribuições importantes nas últimas décadas, e em especial as que trouxeram respaldo biológico à teoria de Bandura, como a descoberta das células espelho do cérebro. Essas células formam um conjunto diferenciado que predispõe o homem a aprender e a imitar o comportamento observado, mesmo que mentalmente, e aplicar as aprendizagens armazenadas quando entender pertinente.

Nessa direção, a violência contra o idoso pode resultar de aprendizagens vicárias, de modo que o ingresso de um terceiro viria facilitar a aquisição de novas aprendizagens – consideradas mais adequadas para a situação –, conduzindo à alteração do modelo relacional, à redução do estresse e à experiência de maior bem-estar na relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A significativa dificuldade que as famílias e a sociedade vêm enfrentando para conter as diferentes formas de transgressão e violência parece estar afetando a saúde e a regulação dos sistemas humanos/sociais. Nesse contexto, destaca-se o vazio do cotidiano familiar, os desertos humanos que, paradoxalmente, se instalam no centro da vida urbana e coletiva, deixando a descoberto os postos de vigilância das relações que mantêm a voz das regras morais/sociais em tons audíveis em diferentes situações.

O suposto de que a inserção de um terceiro nas relações duais reeditam e atualizam a função paterna torna essa prática essencial à manutenção das normas de convivência, à observância dos princípios compartilhados e à propagação dos valores, em qualquer fase da vida.

Nesse sentido, a família, para atuar como instância promotora da preservação de seus membros, precisa enfrentar as dificuldades impostas pelas rotinas atuais, que envolvem grande exigência laboral, novos hábitos e novas demandas, observando a ausência de um olhar cotidiano que assegure a triangulação. Assim, o uso de câmeras de segurança, a reorganização das rotinas e de prioridades que viabilizam a proximidade física com seus idosos, dentre outras medidas, constituem aspectos práticos que merecem ser efetivamente considerados na prevenção da violência, tendo em conta que o fracasso no controle dos impulsos pode acometer a todos os sujeitos, particularmente em situações de estresse.

Conclusivamente, seja a civilização um espaço ilusório, cuja névoa da imaginação encobre a crua realidade da violência humana, ou o resultado de um arranjo relacional viabilizador da constituição de grupos sociais, ou ainda um avanço efetivo da racionalidade, da consciência moral e ética (aspectos que, *a priori*, não se excluem mutuamente), o fato é que o fenômeno da violência está presente na história de vida do homem, envolvendo descompasso dos mecanismos de manutenção do equilíbrio psicossocial, fracasso na contenção da raiva e da frustração, extravasamento de desejos perversos, insuficiência dos processos psicoeducativos, dentre outras possibilidades.

Entende-se, assim, que o estudo da violência e da agressividade, considerando que integra o conjunto de comportamentos da espécie em todas as eras e culturas deve levar em conta não apenas o fenômeno em si, mas as exacerbações, os excessos, o rompimento de fronteiras estabelecidas pela e na sociedade para assegurar os direitos, justiça, a manutenção da vida coletiva e a inte-



gridade física/psíquica dos sujeitos e grupos. Dito de outra forma, um projeto de investigação sobre violência e agressividade deve ter no horizonte o exame de processos que desregulam os limites e as formas de reorganização, e não apenas que desvendem a natureza do fenômeno e suas raízes causais ou intervenientes.

REFERÊNCIAS

- Alvez, M. V. & Pereira, M. E. (2011). Percepção do Comportamento agressivo em diferentes faixas etárias. *Interação Psicol.*, 15 (2), 149-158. Disponível em: [http://www.academia.edu/1622262/Percepcao do Comportamento Agressivo Quando Relaciona do a Diferentes Faixas Etarias](http://www.academia.edu/1622262/Percepcao_do_Comportamento_Agressivo_Quando_Relaciona_do_a_Diferentes_Faixas_Etarias).
- Bateson, G. (1999). *Steps to an ecology of mind*. Chicago: The University of Chicago.
- Bock, A. M. B., Furtado, O., Teixeira, M. L. T. (2008). *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 14.ed. São Paulo: Saraiva.
- Centro Latino-americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli. (2002). *Padrão de mortalidade por homicídios no Brasil, 1980 a 2000*. Rio de Janeiro, RJ: Autor. Retirado em jun. 2003, de [http:// CLAVES/CENEPI.org.gov.br](http://CLAVES/CENEPI.org.gov.br).
- Dör, J. (1991). *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1930/1996). O mal-estar na civilização. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gratao, Aline Cristina Martins, Vendruscolo, Thaís Ramos Pereira, Talmelli, Luana Flávia da Silva, Figueiredo, Leandro Correa, Santos, Jair Lício Ferreira, & Rodrigues, Rosalina Aparecida Partezani. (2012). Sobrecarga e desconforto emocional em cuidadores de idosos. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 21(2), 304-312. Retrieved February 25, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072012000200007&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0104-07072012000200007.
- Hayeck, C. M. (2009). Refletindo sobre a violência. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*; Ano I - Número I - Julho de 2009; www.rbhcs.com.
- Jung, C. G. (2000). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B. & Lozano, R. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial da Saúde.
- Martín-Baró, I. (1997). Violencia y agresión social. In Martín-Baró. *Acción e ideología. Psicología social desde Centroamérica* (8.ed., pp. 359-422). San Salvador, El Salvador: UCA. (Original publicado em 1983).
- Oliva-Augusto Maria Helena. Tempo, indivíduo e vida social. *Cienc. Cult. [serial on the Internet]*. 2002 Oct [cited 2014 Feb 25]; 54(2): 30-33. Available from: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000200025&lng=en.
- Perazzolo, O. A., Pereira, S., Santos, M. M. C. & Ferreira, L. T. (2013). Aprendizagem ao longo da vida: pensamento e desenvolvimento tecendo a longevidade. *Atas do XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho, 2013; ISBN: 978-989-8525-22-2.
- Sampson, R. (2007-2011). Violência doméstica: *Série de Guias sobre Policiamento Orientado aos Problemas. Série de Guias para Problemas específicos*, n.º 45. CDP AVR/SPPP. Dezembro 2011. <http://www.popcenter.org/problems/pdfs/portuguese/violencia-domestica.pdf>.
- Saraiva, E. R. A. & Coutinho, M. P. L. (2012). A difusão da violência contra idosos: um olhar psicossocial. *Psicologia & Sociedade*, 24(1), 112-121. Retrieved February 12, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000100013&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0102-71822012000100013.



Vasconcellos, Maria José (2002). Pensamento sistêmico. O novo paradigma da ciência. Campinas/Belo Horizonte, Papirus Editorial/Editora Puc-Minas, 268 p (4ª. Ed 2005)

Viviane Vidor & Perazzolo. Fatores de risco no contexto da violência contra o idoso (Trabalho de Conclusão de Curso – Psicologia, Universidade de Caxias do Sul, 2010).



International Journal of Developmental and Educational Psychology
Psicología del desarrollo

INFAD, año XXVI
Número 1 (2014 Volumen 2)

© INFAD y sus autores
ISSN 0214-9877